

## **CAMINHOS FLUVIAIS DO CERRADO: IMAGENS DOS RIOS DO SÉCULO XVIII AO XXI<sup>1</sup>**

**Maria de Fátima Oliveira<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Professora Efetiva da /CCSEH/UEG.

**RESUMO:** Os rios foram de modo geral, desde o início da colonização, os caminhos naturais para o conhecimento do interior, tanto no Brasil como em outros países. No Brasil, utilizados como “caminhos” na penetração do território, contribuíram de forma significativa para a expansão da fronteira no período colonial, servindo-se deles tanto os religiosos em busca de povos indígenas para a catequese, quanto os bandeirantes, também no aprisionamento de indígenas e na procura por metais preciosos. Portanto, a proposta é investigar o importante papel que os rios desempenharam como caminhos fluviais no processo de conquista e ocupação do interior do Brasil do século XVIII ao XXI. Pretende ainda, analisar as imagens - dos rios e populações ribeirinhas - que foram construídas e passadas ao longo dos séculos, as práticas culturais locais, o patrimônio histórico e os impactos ambientais decorrentes da interferência humana no meio ambiente, principalmente com a construção de barragens e desmatamentos. A investigação se pauta no estudo de diversos documentos históricos como ofícios, relatórios técnicos, relatos de viajantes, diários, correspondências, artigos de periódicos, bem como por meio de entrevistas, fotografias e filmagens.

**Palavras Chave:** Caminhos fluviais, cerrado, patrimônio Histórico, impactos ambientais.

### **Problemática**

Foram muitas as bandeiras que visitaram a região central do Brasil desde o século XVI, pelos rios Tocantins e Araguaia. Podemos dizer que, até o século XVIII os objetivos foram quase que exclusivamente para o conhecimento do interior, aprisionamento e *descidas* de índios. A década de 20 deste mesmo século é que vai proporcionar mudanças radicais com a descoberta do metal precioso, fase denominada de *corrida do ouro*, tão bem descrita tanto por Antonil como por Luis Palacin. Sobre esse período há também o relato (publicado por Henrique Silva) de Silva Braga, um dos

---

<sup>1</sup> Este texto é parte integrante do Projeto de Pesquisa em desenvolvimento na Pro Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação na UEG.

dissidentes da Bandeira do Anhanguera (1722), no qual conta que, após abandonar a expedição, desceu o Tocantins até chegar a Belém (SILVA, 1982).

Desse modo, é possível destacar cinco momentos desde as primeiras bandeiras até a ocupação de parte das vastas margens do rio Tocantins: período de penetração (bandeiras), final do século XVI, e intensificado no XVII; de proibição da navegação, século XVIII (alvará de 27 de outubro de 1733, vigorando até 1782); de incentivos ao desenvolvimento da navegação por meio de levantamentos, estudos e relatórios técnicos, mas sem resultados efetivos, século XIX; de abandono de projetos de navegação e prioridade para as rodovias, século XX; e, por último, período de construção de barragens e projetos de hidrovias e eclusas, final do século XX e início do XXI.

O rio Tocantins já era conhecido e navegado por bandeirantes e jesuítas desde o século XVI, mas a ocupação de suas margens por povos não-indígenas só aconteceu a partir do século XVIII, em decorrência da descoberta de ouro no antigo norte de Goiás. Com a descoberta de metais preciosos na região, os conflitos entre colonizadores – na tentativa de *desinfestar* a área – e povos indígenas se intensificaram, sendo comuns os ataques tanto por parte dos índios quanto dos colonizadores.

As tentativas de aldeamentos desde o século XVIII vão continuar pelo XIX, principalmente na antiga região norte de Goiás, mas seu insucesso pode ser atribuído principalmente pela falta de recursos para sua manutenção (GIRALDIN, 2002, p. 117). Se até o século XVIII, a conquista do cerrado goiano e tocantinense se deu do litoral para o interior, ou seja, sertão adentro, na fase seguinte (século XIX), quando acontece o esgotamento da mineração e o conseqüente desenvolvimento de outras atividades na região central do Império, o mote não será mais adentrar o sertão, e sim encontrar uma saída viável de contato com o litoral, ou seja, ir *sertão afora*. Portanto, a partir do século XIX, há uma inversão da situação anterior, os rios passam a ser vistos como saída, ora como meio de transporte, ora como fronteira a ser repovoada e como lugar de pacificação das tribos hostis (OLIVEIRA, 2010).

No Brasil, pode-se dizer que somente a partir do século XX é que vamos ter projetos e ações concretas voltadas para o aproveitamento sistemático dos rios, como a

construção de barragens, de eclusas e projetos de irrigação. Antes disso, houve apenas algumas políticas de incentivo e iniciativas isoladas sem resultados significativos. O aproveitamento dos rios brasileiros aconteceu de forma bem distinta e tardia, se comparada, por exemplo, com a Europa, pois,

No final do século XIX, quase todos os grandes rios da Europa tinham sido canalizados e retificados. A regularização, construção de diques, eliminação de meandros e ilhas e outras obras de engenharia foram desenvolvidas para fins diversos, como a navegação, a agricultura, defesa contra cheias e saúde pública (SARAIVA; 1999, p. 72).

Os rios que cortam a grande região do cerrado ainda carecem de um estudo aprofundado no que diz respeito à sua importância enquanto via de comunicação, seu papel na conquista e fixação de populações em suas margens e principalmente sobre os impactos causados à natureza e aos povos ribeirinhos devido às intervenções realizadas por meio de grandes projetos em seus leitos.

De modo bastante geral, alguns historiadores como Doles (1973), Leonardi (1999), Unger (2001), Machado (2002) Carvalho (2009), Gandara (2010) e Oliveira (2010) têm se dedicado ao estudo de diversos rios brasileiros. Sua leitura possibilitará uma compreensão geral sobre as abordagens e metodologias adotadas, bem como as conclusões a que chegaram. No que diz respeito aos rios que nascem e/ou cortam o cerrado goiano e tocantinense, os estudos ainda são limitados, principalmente se considerada a sua importância econômica, política, cultural e ambiental.

Ao estudar sobre o processo histórico e sobre as inúmeras transformações que estão ocorrendo nestes rios e conseqüentemente, nas cidades de suas margens - tema que inquieta não só historiadores, mas também antropólogos, geógrafos, arquitetos, urbanistas, ambientalistas e entidades preocupadas com seus impactos para o meio ambiente e para as populações ribeirinhas -, esperamos estar contribuindo com tão importante debate, fornecendo elementos históricos de análise, muitas vezes

desconhecidas de técnicos encarregados de elaboração e execução dos projetos de intervenção.

Em linhas gerais, é o que busca nesta pesquisa: investigar sobre questões antigas e atuais no que se refere à função, utilização e costumes centenários de uma vasta região que tem sentidos e significados a serem desvendados.

## Objetivos

- Contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre um espaço geográfico e simbólico que foi e continua sendo de suma importância na História, economia e política do país;
- Reunir, catalogar e analisar o acervo existente sobre os rios a fim de apresentar um corpo documental consistente sobre esta temática;
- Resgatar as expressões culturais destas regiões ribeirinhas em constante e rápida transformação, resultante da implantação de projetos voltados para o aproveitamento econômico dos rios;
- Analisar o importante papel que os rios desempenharam na penetração, conquista e povoamento do interior do território;
- Interpretar as diferentes imagens e discursos sobre os rios, deixadas ao longo de três séculos;
- Investigar sobre as consequências resultantes da conflituosa relação do homem com o meio ambiente a partir de projetos de interferência nos cursos destes rios;
- Contribuir divulgação e preservação do patrimônio histórico cultural das cidades beira rios, por meio de levantamento e divulgação dos bens materiais e imateriais que constituem esse patrimônio em vias de se perder.

## Metodologia

O acervo documental sobre os rios que nascem ou cortam o cerrado brasileiro já é bastante significativo, mas falta um estudo detalhado que organize e analise em profundidade este material. A nossa proposta foi, em primeiro lugar, reunir documentos e referências sobre os rios do cerrado e em seguida analisá-los e interpretá-los, dando voz aos diferentes discursos e imagens nos conteúdos analisados.

Os vestígios da memória dos e sobre estes rios encontram-se dispersos em vários lugares (arquivos, jornais, revistas, livros, fotografias, mapas, monumentos, relatos dos ribeirinhos de ontem e de hoje, etc.) e são contados de diferentes maneiras por viajantes, administradores, memorialistas e recontados por moradores da região. Esses fragmentos de memória, entremeados com a realidade atual, possibilitaram compreender o processo histórico da ocupação e vivências econômicas, políticas e culturais nestes espaços de memória.

Recorremos também à fotografia e filmagem, recursos importantes na análise e compreensão da realidade atual da situação em que se encontram os rios, as cidades marginais e a população da região em foco. A elaboração de um documentário sobre as regiões estudadas será efetivada com o auxílio do professor colaborador, especialista nesta metodologia. Deste modo, espera-se realizar um estudo bem completo que resultará em avanço no conhecimento e quiçá possa contribuir para futuras decisões de interferência neste espaço tão importante para a humanidade na atualidade.

Resta dizer que, para compreender o processo de ocupação e transformação dos rios e de suas margens, faz-se necessário analisar o contexto regional no qual está inserido, pois mostrar as peculiaridades da região é oferecer, segundo Amado (1990), novas óticas de análise de cunho nacional e a possibilidades de fazer aflorar o específico, o próprio, o particular, ressaltando as diferenças e a multiplicidade na aparente homogeneidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Por isso, quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes ela consegue também retratar a História dos marginalizados, identificando-se com a chamada “História popular” ou “História dos vencidos” (AMADO, 1990, p. 13).

## Conclusões

Conhecer a história dos rios do cerrado brasileiro, principalmente no que diz respeito aos seus usos ao longo dos séculos, contribui para uma melhor compreensão do processo de ocupação de suas margens, das políticas adotadas para sua exploração como via de comunicação e geração de energia e dos impactos causados tanto para o meio ambiente quanto para as populações ribeirinhas. Ao analisar os projetos sobre as intervenções no leito desses rios, a pesquisa dá visibilidade aos problemas enfrentados pelas populações ribeirinhas e seus costumes, os problemas advindos com a implantação dos projetos, bem como as possíveis perdas culturais e identitárias para os moradores dos locais afetados.

Portanto, o estudo contribui para preservar uma memória em vias de se perder, pois as transformações que ocorrem nestes lugares de memória são geralmente bruscas e irreversíveis. Por meio da pesquisa e análise de inúmeros documentos, o estudo buscou responder a questões referentes aos problemas de comunicação na região desde o século XVIII, sobre enchentes catastróficas e sobre o impacto da construção de barragens no leito destes rios na atualidade. Constatamos que, atualmente, os debates sobre tais temas são constantes nos meios de comunicação, principalmente entre parlamentares e ambientalistas.

Se nos séculos passados o problema maior era o de tornar estes rios navegáveis para serem utilizados como meio de transporte fluvial, hoje, outros problemas se apresentam, inclusive os de natureza ambiental, pois, como afirma Fernand Braudel, “A história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades – ou mesmo das inquietações e das angústias – do tempo presente que nos cerca e assedia” (BRAUDEL, 1988, p. 1-4).

A pesquisa tem contado com a participação de estudantes de iniciação científica e já apresenta um número razoável de apresentações em eventos científicos e publicações que mostram os resultados alcançados, tendo assim contribuído para tornar um pouco mais conhecida uma região pouco privilegiada pela historiografia.

## Referências

AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. In: SILVA, Marcos A. (Coord.) *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: ANPUH/Ed. Marco Zero, 1990.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982.

BRAUDEL, Fernand (Org.). *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CASTELNAU, Francis. *Expedições às regiões centrais da América do sul*. São Paulo: Nacional, 1949.

COSTA, Lucia M. Rios Urbanos e Valores Ambientais. IN: *Projeto do Lugar*. Rio de Janeiro: PROQRQ, 2002.

DOLES, Dalísia E. Martins. *As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX*. Goiânia: Oriente, 1973.

ESCARLATE, Claudia. *Os espaços públicos e os Rios Urbanos na percepção e valorização da paisagem*. Revista Viver Cidades, 2005.

FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GANDARA, Gercinair (Org.) Rios e Cidades... olhares da História e meio ambiente. Goiânia: PUC, 2010.

LEONARDI, Victor. Os Historiadores e os Rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, 1999.

MACHADO, Fernando da Matta. Navegação do Rio São Francisco. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

PALACIN, Luis. *O século do ouro em Goiás*. 4ª ed. – Goiânia: UCG, 1994.

SARAIVA, Maria da Graça A. Neto. *O Rio como Paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Francisco Ayres da. *Caminhos de Outrora..* Goiânia: Oriente, 1972.



UNGER, Nancy Mangabeira. *Da Foz à Nascente: o recado do rio*. São Paulo: Cortez;  
Campinas: Unicamp, 2001.